

# UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DO FUTEBOL (DE MULHERES)

DRA. LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
Professora de Educação Física do Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG/Campus Formiga

**Resumo** | Este é o relato de uma experiência pedagógica desenvolvida nas aulas de Educação Física de três turmas do segundo ano do Ensino Médio Integrado a cursos Técnicos, em um campus do Instituto Federal de Minas Gerais. Pautada pelo conteúdo futebol e em ano de Copa do Mundo de Futebol Feminino, desenvolvi o projeto em questão priorizando visibilizar as experiências das mulheres nesse esporte. Descrevo o processo vivenciado junto aos/às estudantes, analisando como a ruptura com o tradicional referente masculino para abordar o futebol contribuiu para problematizar desigualdades de gênero que o atravessam esse esporte (e a sociedade), conhecer mais a modalidade e, também, para a construção de experiências mais democráticas e inclusivas entre alunas e alunos durante as atividades.

**Palavras-chaves** | Futebol; Gênero; Futebol de mulheres.

## A (WOMEN'S) FOOTBALL TEACHING EXPERIENCE

**Abstract** | This is an account of a pedagogical experience developed in Physical Education in three classes from the second year of High School Integrated to Technical courses, on a campus of the Instituto Federal de Minas Gerais. Based on the football content and in the year of the Women's Football World Cup, I developed the project in question, prioritizing the visibility of women's experiences in this sport. I describe the process experienced with the students, analyzing how breaking the traditional male referent to approach football contributed to problematize gender inequalities that cross this sport (and society), to know more about the sport and, also, for the building more democratic and inclusive experiences between students during the activities.

**Keywords** | Football; Gender; Women's Football.

# UNA EXPERIENCIA DOCENTE DE FÚTBOL (DE MUJERES)

**Resumen** | Este es un relato de una experiencia pedagógica desarrollada en las clases de Educación Física en tres clases del segundo año de la escuela secundaria integrada con cursos técnicos, en un campus del Instituto Federal de Minas Gerais. Basado en el contenido de fútbol y en el año de la Copa Mundial de Fútbol Femenino, desarrollé el proyecto en cuestión, priorizando la visibilidad de las experiencias de las mujeres en este deporte. Describo el proceso experimentado con los estudiantes, analizando cómo la ruptura con el referente masculino tradicional para acercarse al fútbol contribuyó a problematizar las desigualdades de género que atraviesan este deporte (y la sociedad), para saber más sobre el deporte y, también, para la construcción de experiencias más democráticas e inclusivas entre los estudiantes durante las actividades.

**Palabras clave** | Fútbol; Género; Fútbol de mujeres.

## INTRODUÇÃO

Esse relato diz respeito a uma experiência de tematização do futebol. Tendo em vista a relação histórica do futebol com os homens e, mais especificamente, com a virilidade, entendo que esse conteúdo oferece condições privilegiadas para o questionamento de desigualdades de incentivos e oportunidades às mulheres para seu engajamento em práticas corporais, assim como das dificuldades enfrentadas por homens que não se adequam à masculinidade que deles se espera e impõe. Mais além, apresenta-se como oportunidade de reconhecer o caráter cultural e produzido das relações de gênero.

Aproveitando-me da ocorrência da Copa do Mundo de Futebol Feminino quando o conteúdo em questão seria tematizado – conforme o Plano de Ensino da Instituição –, decidi tomar as experiências das mulheres como referente principal para os aprendizados que seriam buscados. Não se tratou de desconsiderar nem desvalorizar os homens, como será possível ver adiante, mas de inverter o protagonismo socialmente atribuído a eles como forma de provocar estranhamentos, deslocamentos e provocações. Cabe destacar ainda que esse foco não ocorreu em detrimento da atenção a outros objetivos de aprendizagem.

O projeto foi desenvolvido com três turmas do 2º ano do Ensino Médio Integrado de um campus do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) no segundo trimestre de 2019<sup>1</sup>. Localizado em um município de médio-pequeno porte do interior do estado, seu alunato reúne tanto jovens da própria cidade, quanto de seu entorno.

Na instituição, a disciplina Educação Física é oferecida em todos os anos do Ensino Médio, sempre com dois horários geminados por semana, que totalizam duas horas de aula. Sem um espaço próprio específico para a realização das aulas de Educação Física, as aulas ocorrem em um ambiente alugado. Tal local oferece uma quadra poliesportiva coberta, um salão com piso de tatame e um campo de futebol de medidas reduzidas (próximas ao futebol Society). Tenho acesso, assim, a uma estrutura privilegiada em relação à maioria das escolas brasileiras.

Parto, assim, à descrição e análise desse projeto.

## A PROPOSTA E SUA OCORRÊNCIA

Essa unidade didática se desenvolveu ao longo de oito aulas. No primeiro encontro, começamos por um diálogo acerca daquele tema, num esforço de mapear o que alunos e alunas traziam como conhecimentos prévios acerca daquela manifestação. Não houve a utilização de um instrumento que mensurasse quantitativamente o envolvimento das/os estudantes com o futebol. Foi um momento de compartilhamento, no qual os relatos motivavam reflexões sobre o contexto em que vivem e como ele potencializa ou limita certas vivências do esporte.

Foi possível notar que a maioria se interessava pela modalidade. Alguns participavam da equipe da escola e muitos lamentaram jogar menos do que gostariam devido às demandas escolares. Havia também a relação por meio do torcer. Muitas/os têm um clube de preferência, havendo uma prevalência de equipes de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

---

1. Cada uma delas de um curso diferente: Administração, Eletrotécnica e Informática. Ainda que o projeto tenha tido especificidades em cada grupo, o abordarei em conjunto.

Houve também o vínculo com equipes europeias. É comum inclusive que alguns utilizem camisas de times em aula (a escola não exige a utilização de uniforme). Poucos tinham frequentado estádios de futebol, o que se justifica pelo município em que vivem. O clube profissional da cidade é de pouca expressão mesmo no cenário estadual, tendo participações intermitentes no Campeonato Mineiro.

Nas narrativas relacionadas a experiências da prática, questões acerca da desigualdade de oportunidades e incentivos às meninas emergiram. Mencionaram comentários que já ouviram sobre ser feio mulheres com marcas de machucado nas pernas, ser um motivo de vergonha um homem ser driblado por uma mulher, ser necessário ser muito habilidosa para ser aceita em uma “pelada” de meninos, entre outros. Aquelas alunas que participam da equipe de futsal da escola lembraram que com certa frequência seus treinos são cancelados por falta de participantes, enquanto há necessidade de dividir os meninos em mais de uma turma devido à alta procura. Esse apontamento possibilitou uma discussão acerca do maior interesse de homens pelo futebol, refletindo sobre como nossos desejos e habilidades são construídos.

Já ao abordarem sua condição de assistentes e torcedoras/es, se referiam exclusivamente a equipes masculinas. Problematizei esse fato: “quem já assistiu um jogo de equipes de mulheres?” Algumas/ns poucas/os citaram partidas dos Jogos Olímpicos. Tinham pouco ou nenhum conhecimento acerca das atletas, equipes, campeonatos.

Com essa provocação em mente, propus que iniciássemos nosso trabalho sobre o futebol recorrendo à origem do jogo. Lemos um texto que produzi que descrevia brevemente alguns jogos de bola com utilização dos pés com frequência vistos como antecessores do futebol (SCAGLIA, 2005): copan, tsu-chu, kemari, epyskiros, haspartum, soule, cálcio. A agressividade presente na maior parte das práticas foi o que mais lhes chamou atenção. Talvez pelo estímulo anterior a se atentarem a questões de gênero, observaram ainda a ausência de mulheres nas imagens que acompanhavam o texto. Levantou-se a hipótese da relação entre os dois aspectos: talvez as mulheres não participassem por ser muito violento.

Problematizando essa ideia, discutimos, então, sobre o que é possível e esperado de homens e mulheres em diferentes sociedades e períodos históricos. Ponderamos, ainda, como outros marcadores – de classe, raça, sexualidade – interferem nessa construção.

Por fim, propus práticas de alguns daqueles jogos com estrutura e regras adaptadas àquela realidade, a partir das quais a turma também poderia sugerir alterações. Mesmo havendo estudantes – entre meninos e meninas – que não dotavam de grande experiência e habilidade na modalidade, não encontrei resistência no engajamento das práticas. Nem dessa primeira, nem nas demais, algumas das quais se aproximavam mais do modelo convencional do jogo de futebol. Do mesmo modo, o fato das atividades propostas todas serem mistas não foi questionado, o que me gerou alguma surpresa. Em que pese esse já ser um hábito que adoto, suspeitava que para o conteúdo de futebol a reivindicação pela separação por gênero surgiria. Isso não significa que a ocorrência das práticas sempre prezava pela equidade na participação. Houve, por exemplo, uma situação de disputa por qual equipe teria mais meninos. E circunstâncias nas quais um conjunto de meninos mais habilidosos ignorava a presença de colegas de equipe.

A segunda aula seguiu com o intuito de compreender um pouco sobre a história do esporte. Para isso, começamos lendo coletivamente uma reportagem<sup>2</sup> que descreve a fundação do British Ladies Football Club, na Inglaterra em 1894, as primeiras partidas entre mulheres de que se tem registro no Brasil, o período de proibição da prática do futebol por elas em nosso país, lembra do Esporte Clube Radar e de várias importantes pioneiras da modalidade. Algumas/ns estudantes já tinham conhecimento do período de interdição a partir de reportagens veiculadas por ocasião da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Mesmo assim, as citações que expunham as justificativas para impedir as mulheres de

---

2. “O futebol feminino já foi proibido até pela lei brasileira, mas segue na luta pela emancipação”, de autoria de Leandro Stein e publicada no site Trivela. Disponível em: <<https://trivela.com.br/o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-ate-pela-lei-brasileira-mas-segue-na-luta-pela-emancipacao/>>. Acesso em 09 abr. 2020.

jogar geraram espanto e revolta, em especial entre as meninas. Poucas/os conheciam o Radar e atletas mencionadas no texto que já são aposentadas. Esse desconhecimento também foi pauta de discussão. Partimos, então, para a quadra, desenvolvendo atividades que conciliaram a realização de fundamentos técnicos do futebol e desafios que envolviam a identificação das atletas que compunham a seleção convocada para o Mundial daquele ano. A atividade foi finalizada com um compartilhamento das informações conhecidas sobre as jogadoras entre alunos e alunas, complementadas por mim. Sugeri que eles acessassem o *site* do Museu do Futebol para explorar suas mostras virtuais que tratavam das mulheres e comentei que naquele momento o museu físico contava com a exposição “Contra-Ataque: as mulheres do Futebol”.

Na semana seguinte, houve uma atividade diferente, fora do horário regular das aulas: assistir a uma partida do Brasil pela Copa do Mundo. O jogo foi escolhido em função do dia e horário que melhor se ajustava para a transmissão na própria escola, possibilitando vivenciar aquele momento de forma coletiva e compartilhada. No horário da partida, as turmas do 2º ano tinham aulas de outras disciplinas das quais não tiveram liberação. Assim, nem todas/os o assistiram integralmente. Apesar disso, a divulgação da transmissão e convite a participar foi feito de forma ampla, o que mobilizou muitas/os alunas/os e alguns outras/os professoras/es. O fato da escola não interromper suas atividades, garantindo que todo o corpo discente e docente pudesse assistir ao jogo levou ao questionamento: “porque a escola não tem aula em dias de Copa do Mundo dos homens, mas tem na das mulheres?”

A quarta aula da unidade foi voltada ao ensino dos sistemas táticos do futebol e do futsal. Fez-se uma introdução acerca do tema, seguida de uma consulta acerca dos sistemas conhecidos, tendo sido citados aqueles mais presentes na atualidade, como 4-4-2, 3-5-2, 4-3-3. Instiguei-os a abordar as especificidades de cada formação. Foi notável que mais meninos se engajaram na discussão. Discutimos, em seguida, como elas/es construíram tais conhecimentos. Para além de assistir aos jogos, destacaram os comentários vistos na televisão e também os jogos

virtuais, nos quais é demandado definir o sistema da equipe com a qual se irá jogar. Assim, percebeu-se que quem se envolvia com o futebol para além da prática e assistência do jogo, tinha maior oportunidade de aprender sobre esses aspectos.

Após discutirmos a partir do futebol de campo, perguntei, então, acerca dos sistemas táticos no futsal. Nas três turmas, as respostas partiram de estudantes que integravam a equipe da escola. Essa evidência reforçou a impressão de que essa forma de estruturar o jogo e a consciência sobre ela não são óbvias, mas despertadas a partir de circunstâncias específicas. Assim, mesmo muitas/os aluna/os praticando futsal em outros contextos, não sabiam responder ao questionamento.

Falei, então, brevemente sobre como, ao longo da história do futebol, diferentes sistemas foram mais comuns, evidenciando transformações no jogo. Partimos, em seguida, para a experimentação desses diferentes sistemas. A turma foi dividida em duas equipes. O campo foi dividido em 4 faixas (defesa; meio campo defensivo; meio campo ofensivo; ataque). Cada equipe sortearia o sistema tático no qual deveria jogar, sendo que as/os jogadoras/es de cada posição não poderiam invadir o setor alheio. A quantidade de pessoas de cada setor, em todos os sistemas disponíveis no sorteio, foi ajustada para que nenhum/a aluno/a precisasse ficar de fora (o número de estudantes e tamanho do campo permitiam essa alternativa). Foram realizadas cerca de 4 partidas, sempre realizando um novo sorteio, de forma a possibilitar experiências diversificadas por cada equipe.

Mas antes que a prática fosse iniciada pedi que aquelas/es estudantes que soubessem jogar bem futebol se identificassem, deixando claro que não era necessário ser um/a craque. A turma palpitava, cada um/a identificando a si, mas também as/os colegas. Apesar de haver um predomínio de meninos no grupo dos proficientes, o critério de habilidade não produziu uma divisão rígida entre meninos e meninas: houve meninos entre as/os que não sabiam jogar e meninas entre as/os que sabiam. Em seguida, orientei que esses apenas chutassem a gol ou dessem passes com a perna não dominante. Expliquei que essa estratégia visava aproximar o nível de habilidade das/os participantes, estimulando a participação e

tornando o jogo desafiador a todas/os. Destaco que o ajuste não contribui apenas aos menos experientes, que teriam mais chance de participação no jogo. Aos mais habilidosos, a regra obrigava-os a executar uma tarefa de forma não habitual, estimulando novas aprendizagens. Apesar dos lamentos iniciais de algumas/ns, aceitaram a proposta e, durante o jogo, claramente tentavam cumpri-la, em que pese eventuais esquecimentos. Nessas situações, apenas avisava as/os infratoras/es, sem interromper o jogo. Não defini nenhum tipo de punição ao descumprimento do combinado, preferindo que sua adoção ocorresse pela compreensão coletiva do seu sentido naquele jogo.

Destaco que a divisão pautada no nível de habilidade e não no gênero é fundamental para não naturalizar e reafirmar a competência no futebol como algo masculino e “colocar meninos inabilidosos e meninas habilidosas na figura de desviantes” (MENDES, SILVA JÚNIOR; ANJOS, 2016, p.171).

O quinto encontro iniciou-se com a leitura da crônica “Futebol de Rua”, de Luís Fernando Veríssimo<sup>3</sup>, que de forma bem humorada (como é característico no autor) descreve a as regras de um jogo informal. Identificamos similaridades e diferenças com relação às “peladas” vivenciadas pela turma. Também compartilhamos outros jogos inspirados no futebol que elas/es conhecem e/ou praticam como paulistinha, gol a gol, artilheiro, bobinho, entre outros. Duas falas do autor foram repudiadas. A primeira por supor que o futebol de rua era um saber especificamente masculino: “Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando”. E a segunda, pelo viés machista, ao autorizar a interrupção da partida, caso passe pela calçada “Aquele mulherão do 701 que nunca usa sutiã”. Fez-se a ponderação do período em que o texto foi escrito, mas discutimos o que essas falas representavam.

Em seguida, a turma foi dividida em grupos para experimentar alguns dos jogos citados por elas/es. A proposta envolvia explorar espaços

---

3. Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/futebol-de-rua-cronica-de-luis-fernando-verissimo/>>. Acesso em 14 abr. 2020.

e materiais não oficiais, artesanais e adaptados. Algumas/ns quiseram tirar seus calçados, enquanto outras/os preferiram jogar de tênis. Notou-se grande heterogeneidade na compreensão e desempenho nos jogos propostos, algo destacado ao fim da aula. Quem não costumava jogar futebol, geralmente desconhecia também aqueles jogos. Para muitas/os dessas/es, jogá-los era ainda mais difícil do que praticar o futebol pois tinham que aprender regras totalmente novas e não tinham referência de competência a partir da qual se embasar. A atividade funcionou melhor nas situações em que houve a colaboração das/os colegas mais experientes, oferecendo explicações e ajustando seu desempenho conforme a capacidade de reação da/o adversária/o. Ao mesmo tempo, para alguns essa redução da competitividade tornou o jogo menos divertido.

A experiência com esses jogos possibilitou explorar um pouco da diversidade do futebol – ou “futebóis” – no cotidiano delas/es próprios, reconhecendo-o como um fenômeno que se manifesta por múltiplas ressignificações em termos de espaços, materiais, objetivos, valores, transitando entre as fronteiras do jogo e do esporte (REZER, 2009).

O encontro seguinte foi dedicado a apresentação de um trabalho avaliativo, apresentado às/aos estudantes na segunda aula dessa unidade. A turma havia sido dividida em grupos e cada um deles deveria criar uma forma de apresentar um recorte sobre o universo do futebol praticado por mulheres. Poderiam voltar-se às atletas, às competições, aos clubes, ao cenário brasileiro atual, trazer um panorama histórico, entre outras possibilidades. Essa atividade, assim como ações desenvolvidas em aula, reconhecem a importância de maior visibilidade a mulheres atletas e de representações que as valorizem por seus feitos esportivos. A apresentação permitia diversas formas, excluindo apenas o modelo convencional de seminários, com falas, cartazes e apresentações de *power-point*. Poderiam fazer um teatro, uma música, uma exposição de fotos, sites, etc. A intenção era abordar o tema a partir de outras linguagens.

Apesar da minha expectativa quanto a criatividade dos trabalhos, talvez por considerarem a opção mais simples, todos os grupos optaram por reunir informações sobre seu tema em uma página de uma rede

social. Os conteúdos, por sua vez, contemplaram a diversidade desejada e possibilitaram que cada grupo compartilhasse diversas informações novas com os demais, ampliando e aprofundando os conhecimentos que vínhamos construindo sobre essa modalidade.

Originalmente, a tematização do futebol junto a tais turmas se encerraria aí. Mas durante seu desenvolvimento, a partir de uma solicitação do IFMG de propor atividades interdisciplinares que ajudassem a reduzir o volume de avaliações das/os estudantes, estendi a unidade em duas aulas para incluir uma ação em parceria com a disciplina de Física. Nela, as/os alunas/os deveriam produzir um vídeo encenando com roupas, adereços e gestualidade uma torcida cantando uma música de autoria deles e, em seguida, realizando o tradicional movimento de “ola”. O vídeo seria apresentado em forma de seminário, junto a uma apresentação que reunisse aspectos ligados ao torcer e relacionados a noções físicas acerca da propagação de ondas.

Apesar de não constar no planejamento inicial, a proposta pôde ampliar as discussões que vinham sendo desenvolvidas, em especial dando maior atenção ao torcer, tema pertinente à Educação Física Escolar (NICÁCIO, 2012).

Na produção do cântico, notei que as bases a partir das quais as/os estudantes buscavam fazer suas composições não eram de torcidas organizadas, e sim músicas de artistas famosos ou cânticos populares, que costumam ser cantados em excursões estudantis. Lembro que, por residirem em uma cidade na qual não há clubes profissionais e distante de grandes estádios, a maioria das/os estudantes conhecia tais torcidas apenas pela televisão. Em retrospecto, penso que dada essa relação que possuem com o futebol espetáculo, eu poderia ter trazido mais elementos para reflexão acerca do fenômeno das torcidas ou abordar o torcer a partir de sua vivência em outros espaços que não os estádios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem crer que essa forma é a única ou mais adequada de trabalhar o futebol considerando as questões de gênero que o atravessam, busquei compartilhar uma experiência que evidencia como o universo do futebol

praticado por mulheres pode ser tomado como referência para aprendizagens desse esporte.

Na proposta, busquei também articular teoria e prática, fazer uso de diferentes linguagens e abordagens e sempre considerar e privilegiar as experiências culturais trazidas pelas/os estudantes. Acredito que ela possibilitou aprendizagens que ampliaram e aprofundaram os conhecimentos sobre essa modalidade por meio de experiências democráticas e inclusivas, e contribuiu para compreender e questionar as desigualdades de gênero.

## REFERÊNCIAS

MENDES, Bárbara Gonçalves; SILVA JÚNIOR, José Aelson da; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Futebol, gênero e sexualidades. In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; SILVA, Tiago Felipe da. **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

REZER, Ricardo. Pressupostos orientadores para o ensino dos “futebóis” na Educação Física Escolar... **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-87, set. 2009.

SCAGLIA, Alcides José. Os jogos/brincadeiras de bola com os pés e o futebol: o início de uma profícua história sistêmica/complexa. **Revista Movimento & Percepção**, Pinhal, SP, v.5, n.6, 2005.

Recebido: 11 agosto 2020

Aprovado: 05 novembro 2020

Endereço eletrônico:

Luiza Aguiar dos Anjos

luizaaguiardosanjos@gmail.com